

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
4 de Outubro de 2024
RAÚL RUIZ: A IMAGEM ESTILHAÇADA (conclusão)

QUE HACER! / 1970-71

*Um filme de Raúl Ruiz,
Saul Landau e Nina Serrano*

Argumento: Cristian Sánchez / Diretor de fotografia (35 mm, cor): Gustavo Morris / Música: Country Joe McDonald / Montagem: Billy Yarhaus / Som (mono): Ernesto de la Fuente (gravação), Gene Warman (montagem) / Interpretação: Sandra Archer (Suzanne McCloud), Anibal Reyna (Simón Vallejo), Richard Stahl (Martin Scott Bradford), Country Joe McDonald (o próprio), Luis Alarcón (Osvaldo Alarcón), Pablo de la Barra (Hugo Alarcón), Jorge Yañez (o padre), Sérgio Bravo e Oscar Castro (os sequestradores), Donald Ramstead (o diretor do Peace Corps) e a presenças de Salvador Allende.

Produção: Lobo Films / Cópia: digital (transcrito do original em 35 mm), versão original em inglês e espanhol, com legendas em inglês para as partes faladas em espanhol e legendagem eletrónica em português / Duração: 90 minutos / Estreia mundial: Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), 9 de Maio de 1972 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca

Na imensa filmografia de Raúl Ruiz, em que há ou houve filmes perdidos que depois se transformaram em filmes encontrados e póstumos, **Que Hacer!** ocupa uma posição particular. Foi rodado durante a campanha para as eleições presidenciais chilenas de 1970, que viram uma apertadíssima vitória de Salvador Allende (33% dos votos, numa eleição com três candidatos, organizada numa única volta, o que fez com que o Senado, dominado pela democracia-cristã, tivesse de corroborar o resultado). Em tese, o trabalho de realização foi dividido da seguinte maneira: Ruiz devia realizar as cenas com os atores chilenos, Nina Serrano as com os atores americanos e Saul Landau as cenas documentais, pois toda a ideia do filme se baseava na mistura entre encenação e reportagem. Não se sabe se a divisão do trabalho foi assim tão rigorosa, mas o certo é que o filme só foi estreado mais de um ano depois do início da sua realização, na Quinzena dos Realizadores, no Festival de Cannes de 1972 (o ano de **Der Tod der Maria Malibran** de Werner Schroeter, **Heat** de Paul Morrissey, **Le Sang** de Jean-Daniel Pollet, **Emitai** de Ousmane Sembène e **Potschi** de Darius Mehrjui, entre outros). As relações entre o trio de realizadores parecem não ter sido das melhores, Ruiz desinteressou-se pela montagem e não se reconhecia neste filme, embora nunca tenha se manifestado com veemência a seu respeito, nem exigido que o seu nome fosse retirado do genérico. “Ruiz não reivindica este filme” é o que está sobriamente indicado na filmografia inserida no ditirâmico *Raoul Ruiz le Magicien*, de Benoît Peeters e Guy Scarpetta.

Numa nota publicada à época em *Positif*, o um tanto desnordeado Bernard Cohn é de opinião que “**Que Hacer!** é um filme apaixonante, cuja estrutura e cujos métodos de investigação política levantam diversas questões. É preciso acrescentar que às vezes também é um pouco irritante, mas talvez seja justamente por isso que pode suscitar discussões frutuosas. O filme procede por impulsos, tentativas de explicação, momentos de lirismo e a sua composição (cenas encenadas, cinema direto, documentos, atualidades) acentua às vezes uma certa confusão. Mas a súmula de informações que nos dá faz-nos esquecer estes defeitos”. Parece certo que a “confusão” que emana do filme não se deve apenas ao seu argumento, também vem, pelo menos em parte, dos próprios factos que nele são expostos, que podem causar perplexidade e dúvida. Basta lembrar que Salvador Allende (cuja posse foi garantida pelo mesmo partido cujo “oportunismo reformista” ele verbera num discurso aqui incluído) foi eleito

numa aliança política que ia da social-democracia à extrema-esquerda e que para muitos dos seus aliados, como dizem claramente alguns em **Que Hacer!**, as eleições eram um eventual preâmbulo para a luta armada, caso os resultados obtidos fossem considerados insuficientes. Nesta ótica, não desprovida de raciocínio lógico mas que os factos desmentiriam com a máxima crueldade, Allende tinha sido democraticamente eleito para fazer uma revolução. Numa entrevista contida no livro acima citado (publicado em 2015), Ruiz observa a propósito do período Allende que *“é preciso situar tudo isto num contexto de comédia e irresponsabilidade geral. Era isto, aliás, que fazia o charme da época. Aquilo que vivemos durante a Unidade Popular não se parecia muito à Revolução Francesa ou à revolução cubana. Havia a curiosa obsessão legalista de respeitar o quadro da Constituição, ainda que fôssemos todos contra esta Constituição...A confusão aumentou pouco depois da vitória de Allende, pois começaram a chegar ao Chile pessoas vindas dos mais diversos países que vinham dar conselhos totalmente contraditórios. Vi-me embarcado nisto tudo porque a minha tendência – que era apenas uma tendência no interior de uma tendência – uma espécie de castrismo temperado com maoísmo, ganhou o comité central, o que deixou toda a gente perplexa, a começar pelos responsáveis da referida tendência”*.

Nunca é demais repetir que um filme começa pelo seu título e o deste inverte o sentido original da combinação de palavras que o compõem: em vez de serem seguidas, como seria lógico, por um ponto de interrogação, as palavras *que fazer* são seguidas por um ponto de exclamação, transformando a dúvida em afirmação, tanto mais que, na lógica do filme, haja muitíssimo por fazer e seja preciso tudo refazer na sociedade chilena. Ruiz realizou sozinho à mesma época outro filme sobre os tempos da Unidade Popular, **El Realismo Socialista** (de 1973, mas montado apenas em 2023), em que consegue equilibrar a pintura do clima de confusão que reinava e a coesão do objeto cinematográfico. **Que Hacer!** não possui a mesma coesão, sem dúvida por ter sido um projeto nascido de várias cabeças. A mistura de partes encenadas e reportagem, que está no cerne do filme, é um tanto enfraquecida pela falsa boa ideia que consiste em inserir personagens que fazem parte do Peace Corps (organismo de cooperação do estado norte-americano, visto na América do Sul como um mal disfarçado braço da CIA), de modo a contrapor o “imperialismo americano” à realidade chilena (a sucessão de placas de grandes empresas americanas que se sucedem no caminho do aeroporto para a cidade não é muito sutil). A presença destes personagens americanos cria uma intriga secundária de pouco vigor narrativo e fraco alcance político, em oposição às discussões entre chilenos, sempre plenas de assuntos candentes, que se resumem na reflexão sobre a necessidade ou não de haver luta armada para transformar a sociedade, exatamente como em **El Realismo Socialista**. A ação de **Que Hacer!** é interrompida por diversas vezes para apresentar os atores e os personagens que representam (um “paralítico” e breves legendas explicativas) num exemplo de “distanciação brechtiana” um pouco singela, que muito possivelmente não terá sido do agrado de Raúl Ruiz. À medida que o filme avança a dispersão aumenta, como é exemplificado na sequência em que um americano é sequestrado, por sinal extremamente bem filmada, toda em plano geral e “picado”. Tudo chega ao fim com a posse de Salvador Allende e é preciso ter em mente que quando o filme foi estreado o sonho da Unidade Popular ainda tinha um ano e meio de vida pela frente e as esperanças que suscitou continuavam vivas.

Antonio Rodrigues